

DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL À INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA: UMA BREVE ANÁLISE DO PERCURSO POLÍTICO DE GANDHI

Josefina Neves Mello , Mario Antônio de Lacerda Guerreiro¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro – RJ

josienmello@uol.com.br

Resumo

Neste artigo busca-se sucintamente discutir à luz da Ética a luta de Gandhi no processo de independência da Índia. Refletindo sobre os acontecimentos históricos, levando-se em conta os princípios éticos aristotélicos e o princípio hindu da satyagraha o objeto deste estudo é tão somente demonstrar que pela força da verdade e pelo princípio da não violência foi possível a Gandhi, com base na desobediência civil de Thoreau, realizar uma revolução pacífica e tirar de sob o jugo britânico o povo indiano.

Palavras-chave: DESOBEDIÊNCIA CIVIL; ÉTICA; GANDHI; INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA; SATYAGRAHA.

Abstract

This article seeks to briefly discuss the light of Gandhi's struggle Ethics in the process of independence of India. Reflecting on the historical events, taking into account the ethical principles and the Aristotelian principle of satyagraha Hindu object of this study demonstrate that it is so only by virtue of the fact and the principle of non-violence Gandhi was possible on the basis of civil disobedience Thoreau, hold a peaceful revolution and take under the yoke of the British Indian people.

Keywords: CIVIL DISOBEDIENCE; ETHICS; GANDHI; INDEPENDENCE OF INDIA; SATYAGRAHA.

1. Introdução

O século XX foi testemunha de grandes transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas; nesses 100 anos, o mundo passou por revoluções que excedem em número e importância aos quatrocentos anteriores. Evidentemente não se vai aqui desmerecer as descobertas e invenções dos primeiros séculos da Era Moderna que, em certo, preparam os alicerces de tais transformações; entretanto, é como se todos os processos tivessem chegado a seu ponto de maturação e à resolução, ao mesmo tempo, neste século terrível.

Duas grandes guerras, o advento da aviação, da corrida espacial, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação, a inteligência artificial, o Projeto Genoma, nanotecnologia e microcirurgia, e mais uma extensa lista de descobertas e desenvolvimentos que mudaram a vida do homem e a face de todo o planeta.

Acontecimentos políticos cruciais estão presentes em toda a história, porém os eventos nucleares da Segunda Grande Guerra (1939-1945) e a independência da Índia após 70 anos de submissão à Coroa britânica (01/01/1877-14/08/1947) são considerados de alta importância, na contemporaneidade, para estudos sobre ética. Num extremo, as bombas atiradas sobre Hiroshima e Nagasaki numa inaudita violência contra cidadãos japoneses, e no outro uma luta silenciosa, entre marcha e contramarcha do poder britânico contra o compromisso de Gandhi rumo à libertação de seu povo. Neste estudo, portanto, vai-se tratar sucintamente do processo de independência da Índia, pelo fato de ser o único caso na história do Ocidente de uma revolução pacífica que, por caminhos éticos, chegou a termo, realizando os objetivos tanto de líderes quanto de liderados.

2. Acerca da Ética de Aristóteles

Dado que a felicidade é certa atividade da alma segundo perfeita virtude, deve-se investigar a virtude, pois assim, presumivelmente, teremos também uma melhor visão da felicidade. [...] ; // [...]; chamamos

de virtude as disposições dignas de elogio. ; // Sendo dupla a virtude – uma intelectual, a outra moral –, a virtude intelectual tem gênese e aumento em grande parte pelo ensino (por isso requer experiência e tempo), ao passo que a virtude moral resulta do hábito, de onde tirou também o nome, divergindo ligeiramente do ethos. ;

A ética como disciplina prescritiva orienta a vida dos homens para viverem em sociedade de maneira ideal, de modo a não fazer ao outro aquilo que não deseja para si mesmo; do mesmo modo, num movimento solidário retrospectivo, fazer ao outro o que gostaria que lhe fizessem. O homem age segundo sua cultura e suas disposições pessoais; portanto, o ensino da ética no mundo contemporâneo – levando em conta sua complexidade – torna-se a cada dia mais útil e mesmo necessário.

Como a presente disciplina não visa ao conhecimento, como as outras visam (pois inquirimos não para saber o que é virtude, mas para tornar-nos bons, dado que, de outro modo, em nada seria útil), é necessário investigar o que concerne às ações, como devemos praticá-las, pois são elas que determinam também que as disposições sejam de certa qualidade, como dissemos. O agir segundo a reta razão é corrente; fique valendo como tese [...].

Parafraseando Aristóteles, aprende-se ética não para ter conhecimento da disciplina e sim para tornar-se ético. E ainda seguindo os passos do filósofo grego, aprende-se ética e as virtudes que lhe são inerentes pelo estudo e pelo exemplo. Mas, como já o prescrevera o mestre da Academia, Ética se aprende fazendo, agindo eticamente e não apenas lendo sobre. A cada passo ético dado pelo indivíduo, novas disposições serão alimentadas no sentido de acumular energia e disposição moral para seguir agindo corretamente.

3. Sobre o dever da desobediência civil de H. D. Thore

“Num governo que aprisiona qualquer um injustamente, o verdadeiro lugar para um homem justo é também na prisão. [...]” (THOREAU, A desobediência civil, p.272)

Henry David Thoreau nasceu numa fazenda, no Estado de Massachusetts, em 1817, filho de imigrantes de ascendência francesa e escocesa. Formado em Harvard, dedicou-se ao magistério por algum tempo, mas depois de sua experiência de morar às margens do lago Walden tornou-se escritor e conferencista. Após passar uma noite na prisão, por recusar-se a pagar imposto, escreveu o ensaio sobre a necessidade da desobediência civil contra um Estado que faz a guerra, lançando assim a gênese de uma revolução pacífica, que veio a se tornar cartilha de princípios para Gandhi em sua luta pela liberdade da Índia.

Aqueles eram tempos em que Thoreau vivia profundamente revoltado contra a situação do regime escravocrata dos Estados Unidos e com a guerra contra o México. Ao longo de seu texto ficam patentes seus critérios de cidadão democrata. Por sua formação em letras clássicas e filosofia, seus ideais espelhavam forte herança da cultura grega. Ainda, por seus estudos sobre as filosofias orientais, era profundamente ligado à natureza e tanto por isso cultivava um forte compromisso pela liberdade individual. Sua frase mais famosa – que virou refrão à época do governo militar brasileiro (1964-1984) – abre o ensaio sobre desobediência: “Bom governo é o que governa menos”; logo adiante ele reitera: “O melhor governo é o que não governa de maneira nenhuma”.

E mais: «Se a injustiça faz parte do necessário atrito da máquina governamental, deixe estar: quem sabe desgastar-se-á suavemente a própria máquina acabando por se desfazer. Se a injustiça, no entanto, tem mola, polia, corda ou manivela exclusivas, talvez possais considerar se o remédio não será pior que o mal; mas se é de tal natureza que exija de vós ser agente de injustiça para com outra pessoa, digo-vos então, rompei a lei. Que vossa vida seja um atrito contrário para deter a máquina. O que me cumpre

é ver se de algum modo não estou contribuindo para o erro que condeno» (THOREAU, p.270-1).

Pela natureza deste estudo, não se poderá apresentar aqui o texto integral de Thoreau; logo, apenas alguns recortes de “A desobediência civil” foram selecionados para enfatizar sua visão política pacifista, razão de sua adoção por Gandhi.

4. Mahatma Gandhi e sua ação de desobediência civil

“O general encerra sabedoria, credibilidade, benevolência, coragem e retidão” (Sun Tzu, A arte da guerra, p.50).

Mahatma Gandhi, a grande alma. Assim ficou conhecido o homem que “derrubou” o império britânico, como afirmam observadores. Com seu pequeno porte e sua voz clara, comandava multidões com a autoridade do mais temível general. No entanto, sua autoridade, dizia ele, estava no amor e na liberdade, na luta ética contra a injustiça, cuja virtude era a de cumprir sempre a palavra dada, sob qualquer circunstância.

Com base em uma revolução que pregava a verdade e a não violência contra as injustiças de um governo tirano, este pequeno homem mudou o mapa dos negócios ingleses, realizando um feito tão espetacular que, nas palavras de Einstein, “dentro de mais algumas décadas, as gerações por vir terão dificuldades em acreditar que um homem como este realmente existiu e caminhou sobre a face da Terra”.

Formado em Direito na Inglaterra, viveu duas décadas na África do Sul, onde iniciou seu movimento de desobediência civil a favor de indianos trabalhadores no território africano. Depois de seguidos processos que lhe renderam várias temporadas na prisão e de igual número de pequenas vitórias em favor dos seus clientes e seguidores, retornou à Índia com o firme propósito de continuar ali sua cruzada com “satyagraha ou a força da verdade” e “ahimsa ou não violência” (literalmente “sem dor”) – pregando a paz e a harmonia entre os homens. Depois que

Gandhi constatou o poder do método Satyagraha, profetizou como poderia transformar a civilização moderna: “É uma força que, se ficasse universal, revolucionaria ideais sociais e anularia despotismos e o militarismo”.

“[...] A arte militar não é algo com que obter prazer, a vitória não é algo com que lucrar” (Sun Pin, A arte da guerra, p.158).

5. Enfim, nesta noite, a liberdade!

“Essa noite haverá novas fogueiras./ Ó lágrimas de prantos enxugados!/ Ó cânticos herdados, ó memórias!” (Jorge de Lima, Invenção do Orfeu, Canto Segundo, IX, fragmento. Poesia Completa, p.567).

Na noite de 14 de agosto de 1947 foram criados dois Estados no antigo território indiano: Índia e Paquistão. Uma nação hindu, outra islâmica. Muitas obras já foram escritas para contar a vitória de Gandhi no processo de independência da Índia; e em todas é unânime a afirmação de que este feito, ainda sem paralelo na história da humanidade, talvez em outro lugar não fosse possível ocorrer. Somente na Índia.

Para se entender como se deu o processo de independência, é preciso entender como Gandhi usou o método de desobediência civil sem deixar em nenhum momento de cumprir os acordos propostos, levando seus liderados a também cumpri-los. Sua personalidade cavalheiresca e seu caráter reto foram sua salvaguarda durante toda sua vida. Para forçar o governo imperial britânico a assinar os acordos – tanto na África como na Índia – ele fazia jejum e avisava que morreria caso não fosse atendido: essa era sua força. E o Parlamento o atendia. E o fazia pressionado pelo temor de um motim generalizado, já que Gandhi era realmente o líder daqueles milhões de homens e mulheres (de todas as castas).

A Índia é um paradoxo, um lugar onde as coisas mais inusitadas acontecem. Um lugar de extremas pobreza e riqueza; de luxo e fome; de filosofia de paz e brutalidades hediondas. Lembrar que Gandhi foi morto pela incompreensão de seus próprios seguidores é um absurdo sem medida. Aqui, são oportunas as palavras do filósofo italiano: “Cada par de contrários é um enigma, cuja resolução é a unidade, o deus está por trás. Com efeito, diz Heráclito: ‘O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome’”.

No entanto, para entender as ações do Mahatma, é necessário apresentar duas classes de categorias que permearam suas ações: seus princípios e suas virtudes. Os princípios já citados são [a] satyagraha, a força da verdade contra a injustiça; [b] ahimsa ou não violência a favor do amor universal. As virtudes que o levaram a agir sempre de modo irrepreensível são [a] pureza de sentimentos; [b] coragem; estas ele conseguia manter por meio de uma vida ascética, de meditação diária, jejuns, vegetarianismo e abstinência de sexo, álcool ou qualquer outra substância que lhe alterasse o ânimo. Recitava diariamente em suas meditações o Bhagavad-Gita, o Alcorão, o Sermão da Montanha e poemas de Rabindranath Tagore.

Gandhi dizia que, para serem éticos consigo mesmos, os homens devem também aprender a dizer **não**.

“[...] Enquanto Lênin preparava a revolução do fundo da sua cela, enquanto os nazistas haviam galvanizado as suas tropas no decorrer das grandiosas manifestações de Nuremberg, Gandhi conduziu a Índia na sua longa marcha para a liberdade propondo-lhe todas as tardes uma simples reunião de oração.”

Com este perfil que o reputou junto às multidões como sendo um santo, mas também considerado por muitos como um dos homens mais hábeis em negociações políticas, foi que Gandhi negociou cada termo da emancipação da Índia, não apenas fundando uma república como também sepultando o mais espetacular império de marajás que o mundo conheceu.

“A partir de amanhã, estaremos libertos do jugo da Grã-Bretanha – declarou [Gandhi]. – Mas a partir de hoje à meia-noite a Índia encontrar-se-á dividida. Amanhã será um dia de festa, mas também um dia de luto”.

No final de sua jornada, aos 77 anos, no entanto, foi assassinado pelo membro de um grupo hindu radical que não queria a divisão do território entre hindus e muçulmanos. E o mais desolador é saber que foi morto pelas mãos daqueles para quem ele acabara de conquistar a independência.

6. Reflexão

“Chegará o dia de podermos apresentar o seguinte quadro: que toda a cultura espiritual da humanidade se assemelha a uma única e gigantesca árvore, com seus galhos cobrindo todos os quadrantes do mundo, e que desta árvore nasceu um renovo após outro, um sistema depois do outro, um estilo aqui, outro acolá –, porém nenhum fortuitamente ou por mero acaso. Reconhecer-se-á que os documentos destinados a fundamentar a história humana não se acham na cultura material, mas na espiritual. [...]” (Leo Frobenius, “Das Archiv Für Folkloristik”, *Paidemu*, 6, Heft 1 Juni, 1938.)

O pensamento em epígrafe que a priori pode parecer utópico demonstra que desde sempre o homem se preocupa em dizer o que almeja, pois, como diz o poeta, somos feitos de cinza, palavra e sonho. A ética por sua natureza prescritiva também carrega sua porção de sonho e utopia, já que afirma um mundo ideal, um mundo como deveria ser.

Diante do exemplo apresentado, é possível concluir sobre Gandhi que, não fora seu caráter virtuoso o guia de sua ética pessoal, ele jamais teria alcançado suas vitórias políticas sem derramamento de sangue inocente. Mortes ocorreram, sim, mas contra sua vontade. Assim, o que se quer refletir aqui é a verdade ética da virtude, da virtude

de um caráter que cumpre até o fim aquilo que se propôs a realizar, sem nenhum dia desviar o olhar de seu alvo, sem se queixar, dedicando sua vida inteira àquela luta, até seu ápice vitorioso.

Thoreau quando escreveu que estava propondo uma revolução passiva – e ética, pode-se afirmar – disse que não sabia se ela seria possível. Mas Gandhi, tantos anos depois, entendeu que o era. Vale enfatizar, no entanto, que sua retidão de caráter, seu comportamento irrepreensível, sua firme convicção na verdade contra a injustiça de um governo espoliador e cruel, de nada adiantaria ser viável a proposta de Thoreau. Este, com certeza, teria tido imensa alegria em saber dos frutos de sua obra!

Assim, pelo princípio da desobediência civil, de Thoreau, foi possível a Gandhi libertar seu povo do império opressor sem jamais deixar de ser ético, sem nunca aplicar injustiça para sanar injustiça. Suas armas foram a Ética e a honra da palavra empenhada e cumprida. Portanto, pode-se concluir que a desobediência, desde que empregada contra a injustiça, não pode ser confrontada à ética como sendo sua contrária em valor moral.

7. Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *ETHICA NICOMACHEA* I 13 – III 8: Tratado da Virtude Moral. (tradução, notas e comentários de Marco Zingano; revisão de Marcel Cezar Pizzorusso). São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Civilização e Cultura*. São Paulo: Global, 2004.

COLLI, Giorgio. *O nascimento da filosofia*. (tradução de Federico Carotti). 3.ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1996.

LAPIERRE, Dominique e COLLINS, Larry. *Esta noite a liberdade*. (tradução de Ricardo Albery e Maria Armanda Farias; revisão de Fernando N. Rodrigues). 8.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

LIMA, Jorge de. Poesia Completa. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SUN-TZU, SUN-PIN. A arte da guerra. (Edição completa, traduzida do chinês ao inglês por Ralph D. Sawyer, com a colaboração de Mei-chun Lee Sawyer; do inglês ao português, por Ana Aguiar Cotrim). 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

THOREAU, Henry David. Walden ou a vida nos bosques; A desobediência civil. (tradução de Astrid Cabral). 7.ed. São Paulo: Ground, 2007.

8. Notas

Considerado por historiadores como sendo “o último império romântico” do Ocidente. Cf. LAPIERRE E COLLINS, 1987, p.19.

“O arco eleva a sua arrogante massa de basalto amarelo sobre o promontório que domina o porto de Bombaim. À sombra de sua abóbada mistura-se uma multidão estranha de encantadores de serpentes, leitores da sorte, mendigos e turistas, de hippies entregues ao torpor do sonho ou da droga, de vadios e moribundos rejeitados por uma metrópole excessivamente populosa. Poucos são os olhares que se elevam para ler a inscrição gravada na frontaria deste monumento: «Erigido para comemorar o desembarque nas Índias de Suas Majestades Imperiais o rei Jorge V e a rainha Mary em 2 de dezembro de MCMXI.» [§] “E, contudo, essa ‘Porta das Índias’ foi o arco do triunfo do maior império que o mundo conheceu, um conjunto de territórios onde o sol nunca se escondia. A sua poderosa silhueta foi, para várias gerações de britânicos, a primeira visão das margens encantadas pelas quais tinham abandonado as aldeias de Midlands ou as colinas da Escócia. Soldados, aventureiros, mercadores e administradores, todos passaram por baixo desse arco para irem impor a pax britannica na possessão mais nobre do império, para explorarem um continente conquistado e difundir aí a lei do homem branco, na convicção inabalável de que a sua raça nascera para

dominar e o seu império para durar milênios.” [§] “Tudo isso parece hoje bastante longínquo. A Porta das Índias não é hoje mais do que um simples monumento histórico como os de Roma ou da Babilônia, um padrão esquecido glorificando uma epopéia que morreu sob sua abóbada apenas há vinte e cinco anos.” (LAPIERRE E COLLINS, 1987, p.11.) [texto escrito pelos autores em 1972]

ARISTÓTELES, I, 13; 1102a5.

Idem, 1103a10.

Idem, II, 1; a15.

Idem, II, 2; b30.

HENRY DAVID THOREAU (12/07/1817-06/05/1862)

Guerra entre os Estados Unidos e o México (1846-1848) que redundou na anexação do Texas e na compra do Novo México e da Califórnia, de acordo A. CABRAL em nota da tradução de “A desobediência civil”, p.263.

“O soldado que se nega a servir numa guerra injusta é aplaudido por aqueles que não se negam a sustentar o governo injusto que a promove; é aplaudido por aqueles cujos atos e autoridade ele despreza e ridiculariza, como se o Estado se penitenciasse a ponto de contratar alguém para flagelá-lo enquanto pecasse, mas não a ponto de abster-se de pecar por um só momento. Desse modo, em nome da ordem e do governo civil, somos finalmente levados a render homenagem a nossa própria baixeza além de sustentá-la. [...]” (THOREAU, p.269)

MOHANDAS KARAMCHAND GANDHI (02/10/1869-30/01/1948)

“Há muitos anos, marcamos encontro com o destino e chegou a hora de cumprirmos a nossa promessa... Ao toque da meia-noite, quando os homens estiverem dormindo, a Índia acordará para a vida e para a liberdade. É este o momento, um momento que a história raras vezes proporciona, quando um povo sai do passado para entrar no futuro, quando acaba uma era, quando a alma de uma nação, durante

largo tempo esmagada, torna a encontrar a sua expressão...” (JAWAHARLAL NEHRU, no Parlamento indiano, uma hora antes da independência da Índia, na noite de 14 de agosto de 1947; em epígrafe de Esta noite a Liberdade)

(COLLI, O nascimento da filosofia, p.59, grifo nosso)

“Os marajás passavam pela vida sobre o tapete voador de um conto oriental. A época de sua glória terminava, mas era de rezear que depois deles o mundo se aborrecesse.” (LAPIERRE E COLLINS, 1987, p.177)

Colhido em CÂMARA CASCUDO, em epígrafe de Civilização e Cultura, 2004, p. 11.

“esta é, na realidade, a proposta de uma revolução pacífica, se tal é possível.” (THOREAU, p.273)